

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... si ea quae sunt prius extendens melius  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *Carta Encyclica do Nosso Santissimo Padre Leão XIII.*—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 50.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *A Inglaterra e o Direito internacional moderno*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Illustrada, por R.—Secção Litteraria: *Hymno ao SS. Coração de Jesus*, por \*\*\*; *Saudade*, por A. Moreira Bello.—Retrospecto, por M. F.

Gravuras: *Sancto Ignacio estudando a grammatica; Porta arabe em Toledo.*



SANCTO IGNACIO ESTUDANDO A GRAMMATICA

## EXPEDIENTE

De novamente imploramos aos srs. Assignantes em atrazo o cumprimento de seus pagamentos. Somos talvez n'este assumpto *vox clamantis in deserto*; seja porem nosso dever egualar n'este justo pedido a renitencia d'aquelles que tanto convinha fossem mais pontuaes. Esperamos pois, que d'esta vez satisficam, o que deveram ter feito ha muito tempo.

A administração.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### CARTA ENCYCLICA

DO NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII

(Continuado do n.º anterior)



AS o teor d'esta direcção é difficuloso e tropeça em frequentes embarços; porque a Igreja rege povos disseminados por todas as partes do mundo, diversos em raça e

costumes, os quaes, como vivem cada um na sua terra, devem ao mesmo tempo obediencia ao poder civil e ao religioso. Estes deveres andam, é verdade, junctos nas mesmas pessoas; mas não se segue d'ahi, como já advertimos, que haja entre elles contradicção ou confusão, pois referem-se uns à prosperidade do estado e os outros ao bem commum da Igreja, e uns e outros são ordenados à perfeicção de todo o homem.

Posta esta limitação de direitos e deveres, é evidente que os chefes de estado são livres no exercicio do seu poder de governação, e isto não só sem repugnancia da Igreja, mas atã

com sua cooperação formal: pois com recommendar sobretudo a observancia da piedade religiosa, que é a justiça para com D-us, já com isso mesmo préga a justiça para com os principes. Todavia o poder da Igreja mira a um fim muito mais nobre que é governar as almas, mantendo «o reino de Deus e a sua justiça» (1) e este é o fito de todos os seus esforços.

Que este governo das almas fosse commettido à Igreja, como cousa propria e singularmente sua, sem ingerencia nenhuma do Estado, é uma verdade tal, que só o pôta em duvida. seria ir contra a fé, já que não foi a Cesar, mas a Pedro, que Jesus Christo entregou as chaves do reino dos Ceos.

Com esta doutrina sobre as relações religiosas e politicas andam connexas outras de não pequena importancia, que não queremos aqui deixar em silencio. A sociedade Christã é muito diversa de todo governo politico, qual quer que seja a fórma d'elle. Se tem alguma similhança e fórma de reino, tem todavia uma origem, uma causa e uma natureza muito differente dos reinos mortaes.

Por isso mesmo tem a Igreja o direito de viver e de se conservar com instituições e leis conformes à sua natureza. E, como não sómente é uma sociedade perfeita, mas até superior a qualquer sociedade humana, nega-se resolutamente, por direito e por dever, a seguir partidos e enfeudar-se às exigencias voluveis da politica.

Por uma razão similhante, como guarda que é do seu direito e respeitadora escrupulosa do direito dos outros, não se entremette a decidir preferencias entre as varias formas de governo, nem a discutir as instituições civis dos Estados Christãos, antes approva todos os diversos systemas politicos, comtanto que respeitem a Religião e a moral christã.

Por este exemplo deve todo catholico modelar as suas idéas e acções.

Cabe certamente no campo da politica alguma lucta honesta, quando se resalvam os direitos da verdade e da justiça, e todo o empenho é de fazer prevalecer de facto e na prática certas idéas, que pareçam mais consoantes para o bem commum. Mas querer arrastar a Igreja a um partido e a todo o transe servir-se d'ella para triumphar de adversarios politicos, é abusar enormemente da religião. Antes pelo

(1) *Math.*, VI. 33.

contrario a religião deve ser para todos uma cousa sagrada e inviolavel.

Ainda mais: na mesma politica, que é inseparavel das leis da moral e dos deveres religiosos, devem ter-se em vista sempre, e em primeiro lugar, os interesses christãos, e isto em tanto grau, que se em algum lugar estes interesses fossem ameaçados pelas manobras dos inimigos, deveria cessar immediatamente todo dissentimento no campo catholico, para unidos em plano e esforço, acudir a sustentar e defender a Religião, o mais geral e supremo bem, a que todo o resto se deve subordinar.

Temos por necessario insistir ainda mais n'este puncto.

Sem duvida Igreja e Estado tem cada qual sua soberania propria, e por conseguinte na gestão de seus negocios nenhuma d'estas sociedades obedece à outra nos limites, já se intende, determinados a cada um pelo seu fim immediato: mas d'aqui não se segue que ellas siquem desunidas e muito menos oppostas uma à outra.

Com elleito, a natureza não deu ao homem sómente o ser physico; felo também um ser moral. Por isso a tranquillidade da ordem publica, que tal é o fim immediato da sociedade civil, deve facilitar ao homem os meios não só para o seu desenvolvimento physico, mas também e principalmente para o seu aperfeçoamento moral, que todo consiste no conhecimento e na prática da virtude. Ao mesmo tempo quer o homem, e deve querer, achar na Igreja os auxilios necessarios para o seu aperfeçoamento religioso, que consiste no conhecimento e observancia da Religião verdadeira, que é a rainha das virtudes, porque, ordenando as a Deus, as ennobrece e aperfeçoa.

Sendo isto assim, devem os que redigem constituições e fazem leis, ter em consideração a natureza moral e religiosa do homem e ajudal-o a aperfeçoar-se, mas isto com ordem e rectidão, abstendo-se de ordenar ou prohibir cousa alguma, sem primeiro ponderar qual seja o fim proprio da sociedade civil e qual o da religiosa.

Pela mesma razão não pôde a Igreja ficar indifferente a que laes ou laes leis rejam os Estados, não em quanto são leis civis, mas porque talvez saindo de sua esphera lles invadem os seus direitos. A Igreja até recebeu de Deus o mandato de resistir toda a vez que a politica prejudique a Reli-

gião, e de empregar continuos esforços para que o espirito do Evangelho penetre e anime as leis e as instituições dos povos. E, como a sorte dos estados depende principalmente das disposições dos que os governam, não pôde a Igreja conceder o seu apoio e valimento aos homens que sabe lles são hostis, que se negam abertamente a respeitar os seus direitos e procuram separar duas cousas por natureza inseparaveis: a Religião e o Estado.

Pelo contrario favorece, como deve, os que, por terem idéas sãs a respeito das relações entre a Igreja e o Estado, desejam que em mutuo accordo procurem ambos o bem geral.

E n'estes preceitos se contém a regra que todos os Catholicos devem observar na sua vida publica. Certamente onde a Igreja não prohibir que se tome parte nos negocios publicos, devem-se apoiar os homens de reconhecida probidade e que dão esperanza de bem merecer da causa catholica, e por nenhum caso será licito preferir-lhe homens hostis à Religião.

Por aqui se vê ainda quão grande seja a obrigação de manter a concordia entre os catholicos, mórmente agora que o Christianismo é combatido por seus inimigos com tão artificiosos planos. Todos os que têm a peito ficar estreitamente unidos à Igreja, *columna e firmamento da verdade* (1) facilmente evitarão *esses mestres da mentira, que promettem liberdade, quando elles mesmos são escravos da corrupção* (2), e até participando da divina efficacia que a Igreja lles transfundiu, vencerão as ciladas com a sabedoria, e a violencia com a fortaleza.

Não é para agora inquirir se a inercia e as dissenções intestinas dos catholicos têm concorrido, e em que grau, para este novo estado de cousas; mas o que sim se pôde asseverar é que os malvados teriam sido menos atrevidos, nem teriam accumulado tantas ruinas, se a fé que *opera pela caridade* (3), houvesse sido geralmente mais vigorosa e viva nas almas, e se a moral christã, que Deus nos ensinou, não estivesse em tantas almas relaxada.

Praza a Deus que as tristes recordações do passado tenham ao menos a vantagem de nos tornarem mais cautos para o futuro.

Quanto aos que houverem de tomar parte nos negocios publicos, dois esculhos não-de evitar com o maior cui-

(1) *1 Tim.*, III. 15.

(2) *II. Ep. S. Pedro*, II, 1-10.

(3) *Gal.*, V. 6.

dado: a falsa prudencia e a temeridade.

Illa effectivamente quem pense que não convém resistir de frente á iniquidade quando poderosa e dominante, com medo, dizem, que a opposição assanha ainda mais os inimigos.

Os homens que assim fallam, não se sabe se são a favor da Igreja ou contra ella. Por um lado affirmam que professam a doutrina catholica; mas ao mesmo tempo queriam que a Igreja deixasse livre curso a certas theorias que d'ella discordam. Lamentam o decaimento da fé e a corrupção dos costumes, mas não tractam de applicar-lhe remedio, se é que com sua excessiva indulgencia, ou com perniciosa dissimulação, não aggravam muitas vezes o mal. Não consentem que se ponha em duvida a sua devoção á Sancta Sé, mas acham sempre que censurar ao Vigario de Christo. A prudencia d'estes homens é cabalmente da casta d'aquella que o apostolo S. Paulo chama *prudencia da carne e morte da alma porque não é sujeita d'lei de Deus: nem tão pouco o pôde ser* (1). Nada é menos proprio para diminuir os males do que semelhante prudencia: visto que os inimigos estão apostados no irrevogavel proposito, que bem alto apregõam e que muitos tomam em caso de honra, e é de extermiar, se tanto podessem, a Religião catholica, que é a unica verdadeira.

Com semelhantê designio a tudo se atrevem, pois sabem muito bem que, quanto mais amedrontarem os catholicos, menos difficuldades terão na sua perversa empreza.

Por consequencia os que seguem a *prudencia da carne* e linguem ignorar que todo christão deve ser um bom soldado de Christo, os que pretendem premios de vencedores com uma vida molle e sem combate, esses taes não só não atalham o passo aos maus, mas antes vão-lhes aplanando o caminho.

Pelo contrario ha outros, e em bom numero, que levados de falso zelo ou o que peor seria, de alguma simulação, arrogam-se um papel que lhes não pertence. Presumem estes subordinar o procedimento da Igreja ás suas idéas e caprichos, chegando a levar a mal que outra cousa se faça, e a não acceital-a senão com repugnancia. Estes andam n'uma lida infructuosa e não são menos reprehensiveis do que os precedentes. Isto não é seguir a auctoridade legitima, é tomar-lhe a deanteira e transferir a particulares os poderes dos Pastores com grande per-

turbação da ordem, que o proprio Deus estabeleceu para sempre na sua Igreja e que a ninguem permite violar impunemente.

Bem hajam aquelles que á hora do combate descem a campo certos e seguros que a tyrannia da injustiça ha-de ter fim, vencida mais cedo ou mais tarde pela sanctidade do direito e da Religião.

Estes sim que tomam por empreza uma obra digna dos brios de melhores tempos, luctando em defender a Religião principalmente contra a facção audaciosissima, nascida para guerrear o Christianismo, a qual, desde que apanhou o Summo Pontifice em suas mãos, não tem dado treguas a seus vexames.

Mas n'esta mesma generosa lucta não se esquecem os bons catholicos da devida obediencia, e nada empreendem senão debaixo da direcção de seus Superiores.

Ora, como esta vontade de obedecer unida com o valor e constancia, é necessaria a todos os catholicos para que em quaesquer transes por vir em nada desfulçam (1); por isso muito desejavamos se arraigasse profundamente nas almas de todos aquella prudencia que S. Paulo chama: *Prudencia do espirito* (2). Esta virtude mesura as acções humanas, pondo-as no seu meio e equilibrando o homem para que nem por cobardia desespere, nem presuma por temeridade.

E note-se que ha sua differença entre a prudencia politica relativa ao bem geral, e a prudencia individual que diz respeito ao bem de cada particular (3).

Esta é propria dos particulares os quaes no governo de suas pessoas obedecem aos dictames da rocta razão; aquella é propria dos Superiores e designadamente dos Principes que governam com auctoridade soberana, d'onde se vê que a prudencia politica dos particulares consiste em executar fielmente os preceitos da legitima auctoridade.

Esta mesma disposição e ordem deve reinar na Sociedade christã e tanto mais que a prudencia politica do Summo Pontifice alcança maior esphera, porque tem missão não só para governar a Igreja, mas tambem para dirigir as acções dos Christãos como cidadãos, de modo que correspondam ás esperanças da salvação eterna.

Por aqui se vê que, além da perfeita concordia que deve reinar nos seus

pensamentos e factos, é mister que os fleis tomem como regra do seu proceder a sabedoria politica da auctoridade ecclesiastica. Ora o governo da sociedade christã pertence, logo depois do Pontifice Romano, aos Bispos.

Se elles não estão collocados na eminencia do poder pontificio, nem por isso deixam de ser verdadeiros Principes na hierarchia ecclesiastica, e administrando cada um a sua Igreja, são (diz S. Thomaz) *como os principaes operarios na construcção do edificio espi-ritual* (1) e têm por coadjutores no officio e ministerio de suas deliberações aos seus clericos.

Esta é a organização da Igreja, ninguem a pôde alterar e todos devem regular por ella o seu procedimento. Por isso, assim como no exercicio do seu poder episcopal os Bispos devem estar unidos á Sé Apostolica, assim tambem os membros do Clero e os leigos devem viver e obrar em estreitissima união com os Bispos.

(Continua.)

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

50.

CXVII

#### P. Carlos de Neuville

**C**OME que encima este artigo significa um dos mais famosos oradores sagrados da França, no seculo XVIII: alguns o teem comparado a Massillon e a Bossuet. Por mais de trinta annos a sua voz retumbou nos pulpitos de Versailles e de Paris, com admiração d'um numerosissimo auditorio.

Carlos de Neuville nasceu em Coutances, no anno de 1693, d'uma familia nobre estabelecida na Bretanha. Começou a prégar em 1736. E' notavel, e merece toda a attenção, o panegyrico de Santo Agostinho que elle recitou n'esta epocha.

Neuville vaticinou precisamente a revolução franceza e as suas consequencias, fructos da pretendida philosophia que então se alastrava na França.

Citaremos algumas das palavras com que elle terminou o seu discurso:

«O' religião santa! ó throno dos nossos reis! ó França! ó patria! ó pudor! ó decoro! Se eu não gemera como christão, gemeria como cidadão; não

(1) S. Thiago, I. 4.

(2) Rom., VIII. 6.

(3) 2.ª 2.ª Q., 47. a. 12.

(1) Rom., VIII. 6. 7.

(1) Quodlib. I., art. 14.

cessaria de chorar os ultrages com que ousam insultar-vos, e o triste destino que vos preparam. Que continuem a estender-se, a arraigar-se estes terríveis systemas, e o seu veneno devorador não tardará a consumir os principios, o apoio, o sustentaculo necessario e essencial do estado.

«Arrastado pela vertigem e pelo delirio da nação, o estado cahirá e precipitar-se-ha n'um abysmo de anarchia, de confusão, de somno, de inacção, de decadencia e de desfallecimento.»

Assim trovejava na cadeira sagrada o jesuita Neuville, mais de cincoenta annos antes do grande acontecimento que enluctou a França e espantou o mundo inteiro.

Depois da suppressão da Companhia de Jesus, retirou-se a S. Germano, onde lhe foi permittido residir, apesar de não querer abjurar o seu instituto. A superioridade de seus talentos, enaltecidos por grandes virtudes, lhe mereceu illustres protectores na cõrte de Luiz XV, e assim pôde viver tranquilamente no seu retiro. Morreu em 1774, impressionado pela extincção da sua tão querida sociedade.

N'uma carta que elle escreveu em 3 de setembro de 1773 a um dos seus antigos confrades, este santo religioso lamenta a destruição da sua Ordem, que elle tinha honrado com seu zelo e virtudes, e recommenda a obediencia a modestia, a paciencia, a conformidade com os designios da Providencia.

Publicou obras de piedade, e a parte mais volumosa consta de sermões, cheios de bellezas oratorias e opulentos de ideias.

CXVIII

**P. Alexandre Lanfant**

Não encheu com menos esplendor a tribuna sagrada, nem foi menos recommendavel por suas virtudes, na mesma epocha, o jesuita de que ao presente nos vamos occupar: o P. Lanfant, uma das mais gloriosas victimas da sanguinaria Revolução franceza.

Alexandre Lanfant (e não Lenfant, como alguns escrevem) nasceu em Lyon, a 6 de setembro de 1726, d'uma familia nobre, e entrou na Companhia de Jesus, em Avinhão, em 1741. Depois de ensinar rhetorica em Marselha, entregou-se à prégacao, ministerio que exerceu com grande successo: as principaes cidades da França o ouviram na cadeira sagrada com muita satisfação, e sobretudo com muito fructo.

O P. Lanfant deveu a sua reputação a discursos solidos, a uma eloquencia cheia de unção e de nobreza, a uma dicção magestosa, digna do seu objecto. Devia o amor e o respeito de todos os que o conheciam, à doçura e

amenidade do seu character, a uns costumes sempre puros d'um orador evangelico, que prégava e reduzia mais com o seu exemplo e piedade que com a força das suas palavras.

Extincta a Companhia de Jesus, elle continuou os seus trabalhos apostolicos em varias capitães da Europa; em Vienna foi admirado do imperador José II. O celebre impio Diderot, ouvindo-lhe um seu discurso sobre a fé, disse a um amigo: «Quando se ouve um sermão similhante, é difficil ser incredulo.»

Por occasião da Revolução prégava na cõrte; recusando, porém, prestar o juramento constitucional, foi conduzido com outros à prisão da Abbadia, onde foi barbaramente assassinado a 3 de setembro de 1792.

Devemos aqui notar uma circumstancia que se deu n'esta occasião. Quando o povo viu apparecer o seu Apostolo, pediu em altos gritos que visesse. Os algoses largaram o, e o povo o empurrava, gritando lhe que se salvasse. Estava já fóra da multidão; mas o seu coração terno e sensível não lhe permittia fugir sem dar os agradecimentos a este povo.

N'este momento, porém, é de novo agarrado pelos malvados: o P. Lanfant levanta as mãos ao ceu e diz: «Meu Deus, dou-vos graças por vos poder offerecer a minha vida, assim como por mim offereceste a Vossa.» Taes foram as suas ultimas palavras; e, posto de joelhos, expirou aos golpes dos algoses.

Este santo jesuita, verdadeiro Apostolo da França, martyr da Constituição civil do clero, deixou 8 volumes de sermões.

CXIX

**P. João Nadasi**

Nasceu em Tynau (Hungria), em 1614, e na idade de 19 annos vestiu a roupeta de Santo Ignacio na cidade de Gratz. Depois de ensinar rhetorica, philosophia, theologia moral e polemica em alguns collegios, serviu em Roma de assistente ao Geral. Regressando à sua patria, a imperatriz Leonor de Gonzaga, viuva do imperador Fernando III, o escolheu para seu confessor.

O P. João Nadasi, varão tão famoso por sua sciencia como por suas virtudes, morreu em 1679, deixando grande numero de obras, a maior parte das quaes são espirituaes. N'ellas revela o seu espirito e fervor apostolico.

Faremos aqui notar que na Companhia de Jesus houve muitos moralistas e mestres da vida espiritual, e as suas obras gozaram sempre de grande popularidade, e tiveram sempre a prima-

zia entre todos os que se occuparam d'este assumpto.

O jesuita Nadasi escreveu tambem uma Historia dos reis da Hungria, e algumas vidas de jesuitas celebres por sua piedade e zelo religioso.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

## A Inglaterra e o Direito internacional moderno

(Continuado do n.º 12)

V

As missões dariam bons resultados para a diffusão da instrucção, e não seriam difficéis de fundar, se se escolhessem os logares salubres do sertão, e se ellas fossem dirigidas por homens de reconhecida competencia e respeitabilidade; alii aprenderiam os pretos a aperfeiçoar com o uso das ferramentas europeas as suas naturaes aptidões para as diversas industrias, teriam o espirito desbravado pela religião, e a indole modelada por um ensino litterario elementar, e habilitar-se-iam finalmente para serem bons cidadãos.

«Se Alfonso de Albuquerque foi, e foi sem duvida, o mais colossal vulto heroico da nossa assombrosa epopea de triumphos no Oriente, S. FRANCISCO XAVIER PELA SUA PALAVRA E PELO SEU EXEMPLO TORNOU SE O COMPLEMENTO INDISPENSAVEL DA NOSSA MISSÃO DE LUZ, e a justificação logica do nosso procedimento às vezes violento.

«A igreja e a eschola officina deviam fundar-se simultaneamente, e seriam só por si os pequenos nucleos, que com o correr dos annos viriam a ser os centros de futuras cidades. Quem ha seculos fundou as missões no Zumbo, no Quiteve, na Manica e no Dambarara, não carece de exemplos modernos das missões de Lavingstonia e Blantyre.»

Nós, apaixonado seriamente pela Igreja, amigo devotado das Ordens Religiosas, pela certeza que nos anima do quanto ellas fazem e podem fazer, não demos o voto que ali fica exarado: pertence legitimamente a quem de perto viu as nossas miserias coloniaes, a quem tateou as herpes consumidoras da nossa gloria e dos nossos interesses, a quem tinha amor da patria e lhe indicava regimen a seguir no restabelecimento d'ella, ao snr. Augusto de Castilho, governador que foi de Lourenço Marques.

«Depois da nossa marinha se occu-

par principalmente em empresas de guerra e de commercio, ainda uma nova phalange portugueza vinha heroicamente prestar os seus serviços á civilisação, ampliar os dominios da sciencia, explorar na Africa esse sertão, para onde se voltam as atenções da Europa, e percorrer as solidões trilhas n'este seculo por Lavingston, como se esses orgulhosos inglezes, tão facilmente desdenhar glorias alheias, fossem condemnados a encontrar sempre deante de si—no mar o sulco das quilhas dos nossos navios, na terra as pégadas das sandalias dos nossos missionarios. Preferimos a palavra. ESSA HEROICA PHALANGE, A QUE ACIMA ALLUDI, ERA A PHALANGE DOS MISSIONARIOS, E ACIMA DE TODOS E ADEANTE DE TODOS, A DOS MISSIONARIOS JESUITAS.»

Assim, por sua vez, se exprime o sr. Pinheiro Chagas, que, ministro da marinha, pôde avaliar a decadencia das pobres colonias e ver onde para ellas havia ainda salvação.

Testimunhos identicos obtel os-iamos aos milhares. (1) E' a consciencia nacional a revelar-se por toda a parte, embora muitas vezes a medo, sob as impressões d'uma peste de vergonha, uma timidez de Pedro, que perjura para não confessar francamente a verdade!

Eulucta fundamente a alma deternos um pouco a meditar os radicaes transtornos em que se acha o sentimento d'um povo. Para o enno, todas as trombetas da fama a fazerem no ressoar nos angulos do orbe; para a VERDADE, umas meias palavras, um segredo em familia, e muitas vezes nem isso. Eis uma das manifestações da fatal apostasia do seculo XIX, um dos males sociaes que em tão larga escala jámais o mundo o soffren.

Apezar da vantagem das Ordens Religiosas, ainda lhes enreda o passo uma suspeita infundada, uma calumnia torpissima, suggerida sem duvida, sim, sem duvida pelo espirito satânico, que tem astucia bastante para illudir aquelles que não buscam allumiar os passos pelo clarão da fé ou, sequer, da razão emancipada de paixões vis.

Formando opinião (demencia!) por quanto leem ou escutam dos inimigos declarados de Deus e da sua Igreja, attribuem ás Ordens Religiosas uns fins occultos, umas ambições sonhadas, e não sabemos quantos outros delictos, platonicos todos elles. E' isto um erro, e devéras nos magôa vel o ensombrar a muitos espiritos, que de modo al-

gum podêmos suppor de má fé. Para illucidação d'elles sobejam-nos provas; uma porém nos basta para os esclarecer promptamente e plenamente. Nas jámais notaveis povoações do reino pres-tam hoje relevantes beneficios as heroicas Irmãs Hospitaleiras.

As cidades A, B, C, D, etc. ha muito que vêem com notavel jubilo curarem-lhe os doentes, ampararem-lhe os velhos e ensinarem-lhe as filhas estas dedicadas creaturas. Ide pois alli, interrogai os moradores que com ellas hajam tractado, e todos os que forem sensatos, de qualquer idade ou condição, unanimemente vos hão affirmar-erem essas mulheres a virtude personificada, a providencia viva de quantos precisem d'um conforto ou exijam um alento. Esta linguagem (falamos por experiencia) ouvil-a-eis em A, B, C, D, etc.

Comtudo entre os depoimentos collidos, muitos haverá, que abonem as distinctas qualidades das Irmãs da localidade, com a condicional astutamente velhaca ou sabujamente lorpa: *Se todas fossem como estas...* Correi todas as povoações, todas, onde se tentam estabelecido as benemeritas Irmãs, e estas palavras ferir-vos-ão necessaria e fatalmente o ouvido. O raciocinio legitimamente formado, segundo todas as regras de chegar á verdade, é: As Hospitaleiras de A, B, C, D, etc. são dignas; logo, todas são dignas. Esta logica simples, por mais que a intentem sophismar, permanecerá mais forte que todas as leis do mundo.

Onde estão pois as Irmãs que não são como estas? na lua?... Não, senhores; no cerebro (desculpe-me) aluado d'uns que não sabem o que dizem, e d'uns gratuitos ou miseravelmente estipendiados malsuadores.

Vã-se pois tomar em consideração testemunhos d'esta natureza (que vão felizmente rareando) e emittir-se uma sentença condemnatoria, n'elles baseada, contra congregações benemeritas ou individuos respeitaveis, votando assim, de parceria com todos os bambochas do orbe e em opposição a tantas pessoas dignas, promptas sempre a abrir os braços e o coração aos membros das Ordens Religiosas. Dar-se á por ventura n'este desventurado seculo o singular phenomeno de estarem com a verdade os sem consciencia e sem Deus e distanciados d'ella os homens de bem? Não cremos; não é possível.

Caia pois, que é tempo, esse terrivel preconceito, essa mentira secular, patrocinada pelo pae insidioso d'ellas, essa venda funesta collocada nos olhos d'uma sociedade que se entona ao ver-se emancipada da Igreja, sua amiga sincera, sua mãe extremosa, sem lem-

brar-se que elegeu para tutora a impiedade moderna, que desde a alvorada do christianismo até hoje, jámais, como n'este seculo, se apresentou a exigir fóro de cidade.

Queremos devéras acudir ás nossas colonias, objecto da ambição incessante das outras potencias, e da Inglaterra sobre todas? Queremos salvar as reliquias venerandas do diadema precioso com que nossos maiores tão heroicamente coroaram o nobre Portugal? Queremos desviar de nós o stigma infamante de assassinos da patria, que a historia indelevelvente nos gravará na fronte, se persistirmos na teimosia estulta de adoptar o lemma do sr. Miguel Osorio, ou antes da Revolução franceza, que ha cem annos o repete pela bocca dos seus pregoeiros? Queremos não ser, como ha tanto, uma terra de mortos, mas continuar, diligentes e vivos, na reedificação do templo da nossa gloria, no desempenho da missão excelsa que nos outhorgou a Providencia?...

Armemos então o braço do missionario, do missionario frade, com a Cruz invencivel do Christianismo, a alavanca forte que soergueu o nosso passado sem igual, o arnez de fina tempera assente nos peitos do primeiro Affonso, do Mestre d'Aviz, do Condestavel, do infante Henrique, de Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Alvares Cabral, Affonso d'Albuquerque e João de Castro. Deixemos caminhar o filho animoso das Ordens Religiosas, que não recua nos perigos, porque tem ao lado quem o esforce; que se inclina á voz d'um chefe a quem jurou obedecer como se jura a Deus e obedece a Deus; que offerecendo a vida em holocausto heroico, aneia perdel-a mas não poupal-a. Propulsemos á conquista das almas quem, por largos annos, na meditação e no silencio, aprendeu a conhecer-lhes o valor, e dera mil vidas por em uma só gravar hem fundo o reconhecimento do Deus que a creara e redimira. «Só o homem da fé produz obras immorredouras», disse Renan; deixemos pois aberto o campo da actividade ao homem da fé, fortalecido pela pureza da consciencia, incontaminado de ambições porque não trabalha para si, inaccessible ao desanimo porque o alenta a união de seus irmãos, indifferente a cair na lucta, porque para elle o cair é vencer e sabe que o bem iniciado obterá continuação d'aquelle que lhe succeder.

Ai! o mal que nós portuguezes hemos feito á nossa patria!... Quizera aqui desenhar o mappa-mundi, marcando com pontos luminosos o sitio onde se encontra hoje um representante das Ordens Religiosas, d'esses obreiros inextinguíveis e inegalaveis da sciencia, do bem e do progresso, e pôr evidente, com ponto escuro, aquellas regiões in-

(1) Sobre esse assumpto é utilissimo consultar *Os Frades*, defeza, justificação e apologia insuspeitissimas, colligidas por João de Leinos.—GUIMARÃES, Livraria de Teixeira de Freitas.

felizes onde o não vemos apparecer! Refulgiria a America desde o cabo Horn ao estreito de Bering. Na Asia, encontramos o Jesuita na Armenia, na Syria, em Bombaim, Poona, Calcutã, Mangalore, Maduré, Kiangnan. Pé-tché-ly oriental; o Lazarista em Smyrna, na Syria, na Persia, em Pé-tché-ly septentrional e meridional, em Kiang-si, em Tché-kiang; os Padres das Missões Estrangeiras, em mais de trinta estações diversas, contando um pessoal numerosissimo; os Capuchinhos lá os vemos em Trebizonda e Mesopotamia; os Menores-Reformados, e os Menores-Observantes, no Houndm, Hou-pé, Chansi e Chantong; os Missionarios Belgas em Kanson e na Mongolia; emfim, encontramos ainda na Asia, por varias regiões, os Carmelitas, os Irmãos das Escolas-pias, os Missionarios d'Alger, os Dominicós, os Padres da Congregação de Milão, os Oblatos de Maria Immaculada, e grande numero de Congregações de Religiosas.

A Oceania vê se illustrada com os Religiosos dos Sagrados Corações, os Maristas, os da Companhia de Jesus, não havendo talvez uma ilha, por insignificante, aonde não tenha ido rogar a Deus a redempção de seus moradores algum membro das Ordens Religiosas.

A Africa é sitiada, recruzada, occupada, por estes benemeritos lidadores. A Congregação do Espirito Santo vemol a florentissima no Zanguebar, na Senegambia, nas duas Guinés, na Serra Leoa, no Congo, na Cimbebasia; os Padres brancos de Monsenhor Lavigier tomam toda a região septentrional africana, estendendo-se ao Zanzibar, a região dos Lagos, e aos pontos mais vizinhos do coração da Africa; as Missões africanas de Lyon mandam seus membros à Costa d'Ouro, ao Dahomé à Costa de Benin, à bacia do Niger.

Por toda a parte a exuberancia de vida, um progredir incessante, a dedicação continua, o sacrificio perenne! *Verbum Dei non est aligatum*. O ardor do clima, a voracidade das feras, as doenças locais, a fereza dos homens, nada préa a acção dos enviados de Christo, cujo espirito se alenta nas palavras de vida: *Ide; ensinai todas as gentes e baptisai-as em Nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo*.

Pena é dizel-o porém! Por largo periodo, barreira fortissima tolheu o influxo evangelico às colonias portuguezas. Deviam ser ellas o ponto negro no mappa do globo. Extinctas as Ordens Religiosas pelo fatal decreto de 28 de maio de 1834, as ondas da graça resequiram-se nos dominios dos reis fidelissimos. Ha meio seculo tão forte jacto de luz incidiu sobre nós, que ficamos estonteados. Não admira pois que tivéssemos procedido tão desnorreada-

mente, que em politica nos abeirássemos d'um republicanismo visinho paredes meias do socialismo ou communismo, em religião lançássemos a terra os mais fortes baluartes d'ella, em economia sorvessemos os bens dos frades, das mitras, das collegiadas e dos pasaes, e tivéssemos agora, a carregarnos o horisonte, uma divida de 568 mil contos, anno a anno augmentada por um deficit de metter medo.

Tal o *croquis* da nossa posição actual. Não se estranhe, pois, que o povo a quem toccou a gloria de ser o arauto das grandes descobertas, d'uma das maiores evoluções que ha visto o mundo em quarenta seculos, se veja agora vilipendio das mais nações, presididas, como devia ser, por aquella a quem mais beneficios temos feito.

Comtudo, levantemos ainda o espirito. Os nossos erros, vistos cada vez mais ás claras, darão incitamento a soerguermos-nos. Nas colonias, almas de fé, corações valorosos, d'esses

... que nenhum trabalho grande os tira  
D'aquella portugueza alta excellencia,

teem já lançado os primeiros delinea-mentos a obra que pôde, cremol-o, atrahir de novo sobre nós os olhares compassivos de Deus.

Fique o assumpto para o artigo seguinte.

(Continua).

## Socialismo

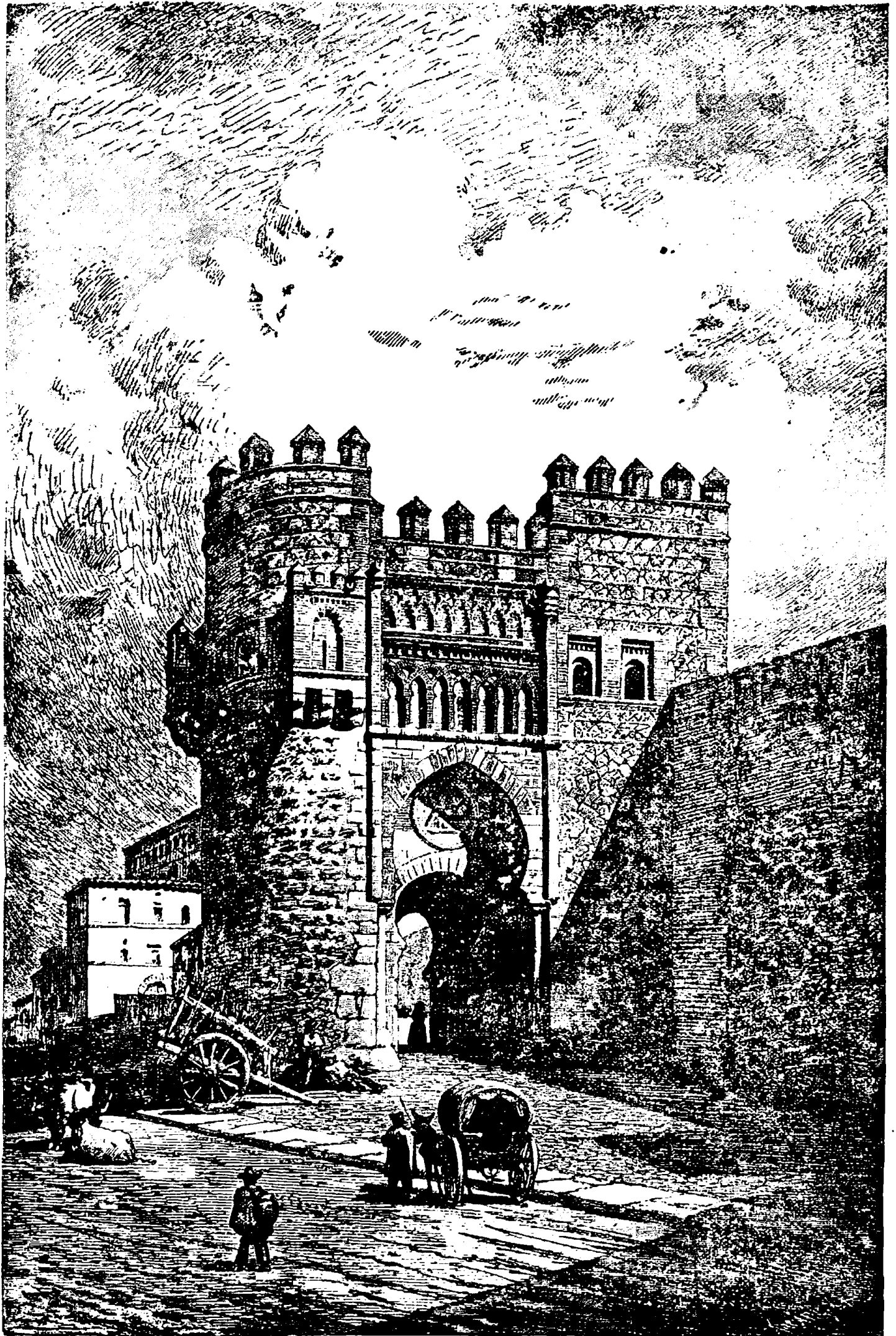
MISTER conhecer as cousas como são; o *Socialismo* e as *questões operarias* não formam uma e a mesma cousa como parece, em hora o *espirito revolucionario* busque fazel-o parecer, para que os operarios descontentes e não escrupulosos sirvam mais o *Socialismo*. Os operarios não levantam suas queixas, senão fundadas nas circumstancias penosas em que se acham, e de que se lamentam com mais ou menos razão e justiça. O *Socialismo* visa mais longe; é uma concepção radical, e formulada por *Karl Marx* e *Lassalle*, e incarnada n'essa associação dita *Internacional*, da qual se tem falado menos ultimamente, mas que continua de pé, e prosegue seus esforços na busca de triumphar. O *Socialismo* procura a constituição reconhecida do quarto estado, e que este obtenha a posse do poder governativo; o Imperador Guilherme II falou no seu manifesto do *quarto estado*, palavras que o *Socialismo* tomou como um tal ou qual reconhecimento da sua existencia e importancia *social*; siquem lá as intenções; porém não foram pru-

dentes aquellas palavras do Imperador. E qual o programma do *Socialismo*?... Eil-o: «No poder governativo o *quarto estado*, deverá assentar a constituição dos Estados sobre a ruina da propriedade, do capital, da Religião, da familia, e antes de todas e para estas ruinas, deverão ser derrubados todos os thronos, anniquilladas todas as Egrejas, *scilicet* a Unica Verdadeira e as que se chamam Egrejas, isto é, todo o Pensamento Religioso. Realizada esta iniquidade, todo o poder será dado sem partilha à classe operaria victoriosa e dominadora, como o saque é pertença dos saqueadores. O *Socialismo* é pois a *cabeça*, e os *operarios* são os *braços*, por ora nem todos conscientes de que trabalham para aquella projectada transformação *infernal*. O *programma* é de uma monstruosidade iniqua tal, é de uma impiedade tamanha, e de um *contra naturam*, de modo que é um impossivel de realisação, salvo n'um logar ou outro, e por poucos dias como têm sido vistas outras *aberrações*. Grandes horrores, no entretanto, se vão preparando, além do ruído que já horrorisa, e bem parece que se vai caminhando para o que disse o Pontífice-Rei, Pio IX, de santa memoria, ao general Dumont, ao annunciar-lhe este a partida das ultimas tropas francezas dos Estados Pontificios. Disse Pio IX, n'aquella occasião: «A *onda Revolução* crescerá ainda de modo que *parecerá* que a Egreja vai desaparecer; então, por um acontecimento que aterrará o mundo, virá a paz à Egreja!»

E a paz à Egreja trará a paz à Sociedade. Os esforços para tornar impotente o *Socialismo* pelos meios humanos, não passam de golpes na agua, que logo torna a unir-se. Só a observancia dos preceitos e conselhos dados pelo Papa, pôle vencer e anniquillar o *Socialismo*. A segunda *Republica* em França foi que primeiro ensaiou o *Socialismo do Estado*, para obstar ao *Socialismo revolucionario*. Fez *fiasco*.

Depois fez igual ensaio Napoleão III, e teve o mesmo *resultado*; agora está-o fazendo Sua Magestade allemã Guilherme II, e tambem *ficard no caminho*. *Jules Simon*, de volta a Pariz, *sangrou-se em saude*, dizendo «que embora a *Conferencia de Berlim* não dê resultados, foi sempre *uma boa manifestação*.» Repetimos o que temos dito: os *socialistas* aceitarão tudo que lhes der o Imperador Guilherme, e ficarão *socialistas*. Entre a Verdade e o Erro não ha meio-termo, não ha accommodação; Deos assim o affirmou, e em Deos e contra Deos não ha *desmentido*!

Vencendo as tropas imperiaes francezas em Puébla, no Mexico, dava-se pouco depois uma *eleição* em Pariz, e



PORTA ARABE EM TOLEDO

havia parisienses que julgavam, que os operarios revolucionarios, na capital da Franca, votariam no candidato agradavel a Napoleão III, por isso que suas tropas tinham obtido, recentemente, a victoria em Puebla; qual historia! votaram aquelles como que se os alludidos soldados francezes tivessem sido vencidos. Os revolucionarios não aceitam a beneficio de inventario; e mais ganham com o que lhes é dado do que com aquillo que obtem pelos seus proprios esforços!

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

Sancto Ignacio estudando a grammatica

(Vid. p. 169)

**M**ASCEU em 1491 o grande fundador da insigne Companhia de Jesus, no castello de Loyola, em Guipuscoa (Hespanha). Em sua juventude acompanhou Fernando o Catholico, em varias expedições, vindo a cair ferido no cerco de Pamplona, desastre que para Ignacio constituiu o começo d'uma nova era, terminando-lhe as ambições da gloria mundana para de todo se entregar á conquista da gloria divina. A *Vida dos Sanctos*, que teve occasião de ler durante a convalescença, determinou rumo diverso na vida do esforçado cavalleiro. Feita geral confissão de seus peccados no mosteiro de Monserate, recolheu-se com o habito de peregrino na cova de Manreza, onde redigiu os celebres *Exercicios Espirituaes*, sob inspiração directa da Santissima Virgem. Passou em seguida á Terra Sancta, e de regresso á patria conscio de quanto a sciencia lhe fazia falta, pediu admissão na aula do Mestre Ardebalo, em Barcellona, onde aos trinta e tres annos iniciou, animada e pacientemente, os primeiros estudos do latim.

Vêde a gravura, copia fiel d'um quadro de Gallés, conservado em Barcellona, na residencia dos Padres da Companhia. Ignacio, sentado entre um bando de jovens escolares, esquecido por completo do que sejam respeitos humanos, escuta com attenção as prelecções do professor. O quadro é admiravel de correcção e de verdade: os tons da luz habilmente combinados; as posições variadas; os rostos infantis n'uma variedade graciosa, a distração em todos, qual ri, qual segredá, qual dorme n'uma placidez delicosa, qual lhe attrita os cabellos no intuito de o despertar. A serio a mis são apenas a tomam o cathedratico,

vaidoso pela fama que d'elle vai na cidade de ser eximio interprete dos classicos, e o futuro patriarcha da mais notavel congregação que hão visto os seculos, o sancto já, que mais tarde a Egreja havia de coroar com brilhantissima auréola.

Assomasse n'aquelle momento ao humbral da eschofa um philosopho de nome, e intentasse, ao contemplar as varias phisionomias alli reunidas, emitir o horoscopo de cada um d'aquelles individuos, temos como de fé não fôra, por certo, o rosto macilento e inclinado ao chão de Ignacio de Loyola, quem inspirara mais seductor, mais invejavel concito. E no entanto, quem sabe hoje o nome dos condiscipulos de Loyola? Todos desappareceram na sombra, para apenas ficar brilhando, com esplendor immortal, o d'aquelle que singularmente soube, sendo grande, fazer-se o minimo entre os pequenos, destruir o que em si havia de designio proprio, advindo das disposições pessoases, do nome de familia, da educação guerreira, para deixar-se boiar sobre as ondas da vida á simples mercê, ao sopro sómente dos acatabilissimos designios de Deus. Eis porque o escholar de Ardebalo, e á imitação d'elle a sua familia numerosa que ha tres seculos abarca o mundo, tanto ha refulgido no céu da Egreja, tanto refulgirá sem duvida nos esplendores immaculados do eterno paraíso.

## Porta arabe em Toledo

(Vid p. 175)

Rica de preciosidades antigas, a notavel capital de Castella Nova, donai rosa no topo de montanhas, enlevo dos visitantes por qualquer lado que a observem, é museu riquissimo de raridades archeologicas, e objecto de estudo a quantos, á semilhança de Cuvier, firmados na lei admiravel da *Correlação das partes*, reconstruem, por uma pedra, um troço de columna, um resto de muralha, todo o desenvolvimento, progresso, e grandeza d'um povo.

Aqui, no decorrer dos seculos, estacionaram os phenicios, os romanos, os godos, os arabes, deixando cada qual d'estes povos notaveis vestigios de sua passagem.

A gravura da pag. 175 reproduz um dos melhores specimens do genio mouresco, que o roçar do tempo ha respeitado no seu attrito ininterrupto. É a chamada Porta do Sol, edificada no centro da cidade, da qual, por uma calçada demasiadamente ingreme, se vai á praça principal, hoje praça da

*Constituição*, n'outr'ora conhecida pelo nome de *Zocodover*.

A torre é um verdadeiro primor da arte arabe. Os toledanos conservam-na com o cuidado d'uma joia preciosa, e se se envaidecem em apontar ao forasteiro a esplendida cathedral, rica de tantos objectos d'arte, os notaveis monumentos de S. João dos Reis, a Nau-machia, o amphitheatro, a Cova d'Hercules, as ruinas do Galiano, com equal orgulho soem falar-lhe da Torre do Sol, cujo aspecto magestoso parece desmentir a sua origem doze vezes secular.

R.

## SECÇÃO LITTERARIA

Hymno ao SS. Coração de Jesus

Composto expressamente  
para a Associação de Souto

1.ª

Do mais imo do peito, consocios,  
Venha férvido um hymno d'amor,  
Como preito de Souto ao amante  
Coração de Jesus Salvador.

CORO

Sim, fieis e leaes nós seremos  
A's lições que nos daes, ó Jesus;  
Com prazer n'esta vida e na morte,  
Por divisa teremos a Cruz.

2.ª

Coração de Jesus, sois tão bello,  
Tendo a Cruz para vosso ornamento,  
Envolvido em vivissimas chamas,  
Vulnerado por golpe cruento.

3.ª

Significa essa cruz os martyrios...  
Diz amor essa chama esplendente...  
Essa chaga profunda, tão larga,  
Dá asylo ao christão penitente.

4.ª

Quando fito, Jesus, esse vosso  
Amoroso e leal coração  
Desejava rasgasse a meu peito  
Com seus golpes veraz contrição.

5.ª

Nunca mais libaremos a taça  
Dos prazeres, que são illusõe-;  
Serão só de Jesus para sempre  
Nossa vida e leaes corações.



6.<sup>a</sup>

Para longe paixões desprezíveis,  
Europeis, que só dais falsa luz,  
Ah!, de nós havereis o desprezo,  
Pois também desprezou-vos Jesus.

\* \* \*



## SANTIDADE

Oh dia de Natal, ditoso dia,  
Doce aurora da humana redempção!  
Dia sagrado que enches de alegria  
O piedoso seio do christão!

Oh dia de Natal, dia formoso,  
Em que se expande da familia o amor;  
Em que tudo são risos, prazer, gozo,  
Do pacifico lar em derredor!...

Ah! mas não para todos! Quantos, quantos,  
Olhando tristemente em torno a si,  
Em vez de suaves gozos teem quebrantos,  
Porque o seu coração chora, não ri!

Um d'estes sou... Mostrar em vão procuro  
Serenos rosto, animo forte, aos meus:  
Quando a alma enluta pensamento escuro,  
Quem da tristeza occulta deusos veos?...

Mados, á parca meza nos sentamos  
Os poucos da familia ao lar commum;  
Mestos e lacrimosos nos contamos:  
Ermo, vasio estava o logar de um!

Não nos roubou a morte esse ento amado,  
Mereço do justo o piedoso Ceo;  
Mas voz da patria e do dever sagrado,  
Que á patria a mente e a espada offereceu.

Solon de Africa o mar o amante filho,  
Mar que primeiro o Gama devasasou;  
Onde o luso valor, da cruz o brilho,  
Imperio inda invejado edificou.

Está longe... mas não de nós ausente,  
Que o nosso amor o evoca junto a nós:  
Vemos-lhe o rosto placido e ridente,  
Ouvimos-lhe a affectuosa e doce voz.

Não, ausente não é, pois o guardamos  
Gravado em nossos ternos corações;  
De continuo presente o conservamos  
Em saudosas, fieis recordações.

Se pois hoje está longe, paciencial!  
Porvir mais venturoso nos sorri;  
Volvida a esp'rança então doce evidencia:  
Somos, ledos direi, todos aqui!

E oxalá que mais tarde, quando a vida  
N'aquelle dia entrar que não tem fim,  
Nossa alma, á luz celeste esclarecida,  
Diga: Eis-nos juntos para sempre alfim!

Porto—Dezembro de 1889.

A. Moreira Bello.

## RETROSPECTO

Roma.—Onde mais salientes se tornaram os disturbios socialistas foi sem duvida na capital do orbe catholico. E' alli onde a impiedade, tomando, ao sabor das circumstancias, a mascara que supponha mais adequada, intenta fazer o quartel general de suas perfidas machinações. Por instigação do governo sardo, ou pelo menos á sombra d'elle, a Revolução na Italia caminhou orgulhosa e cruel por sobre direitos respeitabilissimos, epilogando a sua obra de iniquidade com a usurpação dos Estados Pontificios. Quizeram a Italia una, e jámais se viu a desgraçada peninsula tão dividida como hoje, em tão carregadas sombras como após o en carceramento do Pontifice. O relatório que o ministro Crispi teve que apresentar ao rei, concernente aos successos de 1 de maio, é realmente uma carta de lucto, que não o deve deixar em invejavel tranquillidade. A posse de Roma alienou á familia de Saboya o amor dos catholicos, e como fóra d'estes não pôde aquella familia encontrar fidelidade, libra-se n'uma atmospherade odios que a asphixia entre anceios terriveis. São as tempestades dos ventos semeados. N'aquelle dia de pandega, que a si mesmos se deram os socialistas, foram em Roma presos 60 agitadores estrangeiros, mandados expulsar do territorio italiano. 600 nacionaes tiveram de recolher á cadeia por andar distribuindo papeis subversivos; 8:000 foram retidos por suspeitos e 300 militares deram motivo a um inquerito. Isto foi o que disse Crispi; mas pelo que affirmaram varias folhas insuspeitas, a gravidade e a amplitude do mal foram mais serios do que oficialmente se deu a intender.

Batido o governo nas ruas pelos socialistas, teve que aguentar nova derrota na camara, produzida pelo projecto infame das obras pias, que além de ficarem directamente sob a garra do Estado, tinham de ser geridas com exclusão do clero, o que era a desvergonha levada ao ultimo requinte. Movido talvez pelo clamor levantado em toda a Italia, o senado approvou o projecto, mas com uma modificação importante. Crispi enfureceu-se, quiz—disse elle—demittir-se, mas como é dos que affirmam: *Plutôt périr que de rien faire qui puisse profiter à l'Église*, continuará no poder emquanto lá o consinta a paciente longanimidade de Deus.

O Sancto Padre, impavido sobre os vagalhões das tempestades sociaes, cuida em nova Encyclica relativa aos deveres dos Padres e dos leigos; dá audiencia ás continuas e numerosas peregrinações que de toda a parte aco-

dem a render-lhe preito, e emfim, ainda hoje, sem embargo da usurpação de seus estados, é de todos os monarchas do mundo aquelle que melhor impera.

Palavras do Sancto Padre a um correspondente do *New York Herald*:

«A permanencia dos grandes exercitos é uma causa de dôr para a Sancta Sé.

«A vida militar, damnosa á juventude, envolve-a de influencias violentas e immoraes; extingue-lhe a vida espirital ou pelo menos opprime-a e rebaixa-a.

«Taes exercitos teem ainda o grave inconveniente de absorverem a riqueza das nações, e emquanto a Europa possuir grandes exercitos, a agricultura carecerá de braços e o povo avergará ao peso de impostos. Produzem a pobreza da Europa, incitam uns povos contra os outros, atéam os despeitos nacionaes, os odios, o espirito de vingança.

«Estes grandes exercitos são anti-christãos.

«A questão social só pôde achar solução no desenvolvimento da moral, e a agitação social extinguir-se á sómente quando a sociedade voltar aos verdadeiros principios: portanto, a continuarem os adversarios de Christo e da sua Egreja em guerra contra a religião, as desordens sociaes serão cada vez maiores.

«Cumpram seu dever os governos dos diversos paizes, que eu desempenharei o meu. A obra d'elles é local e particular, designadamente no que se refere á regulamentação do trabalho e a outros melhoramentos das classes operarias. A missão que me toca, como chefe da christandade, tem que ser universal. A Egreja deve christianisar o mundo pelo ensino da moral e dos deveres de caridade.

«Carecem de reforma as condições moraes dos patrões e dos operarios. Para esse fim, quizera ver fundadas associações em todas as dioceses do mundo.

«Atravessamos um periodo de agitação e desordem. Nenhum poder ha com forças bastantes para combater o anarchismo e o socialismo. Apenas a religião pôde restaurar a moral no mundo. Todo o meu empenho é pois auxiliar os que soffrem e sentem perdida a esperança.»

Peregrinação franceza em Jerusalem.

—Tres vezes PENITENCIA disse a Rainha dos céos na sua oitava apparição, em Lourdes, a 24 de fevereiro de 1858. A França, obediente a este ineffavel aviso da Sanctissima Virgem, todos os annos envia uma peregrinação importante aos Logares Sanctos, a implorar indulto para os erros gravissimos da

primogenita da Igreja. Saiu de Marselha, em meado de abril, a peregrinação d'este anno, após uma magestosa festividade de despedida, no santuario de Notre Dame de la Garde, com a assistência de Monsenhor Robert, bispo da diocese, que dirigiu aos peregrinos uma allocução commovedora, mostrando-lhes a necessidade de orar e fazer penitencia, á imitação de Jesus Christo. O zeloso prelado, em seguida á benção do Sanctissimo Sacramento, collocou, por suas proprias mãos, no peito de cada peregrino, a cruz que durante sua viagem devia servir-lhe de distinctivo.

A peregrinação, n'um vapor fretado expressamente, dirigiu se a Alexandria Visitou o Cairo e as Pyramides, orou nos sitios sanctificados pela Sagrada Familia durante sua permanencia no Egypto, tomou depois o rumo de Caiffa, perto do Carmello, onde desembarcou em fins d'abril, dando aqui principio ao mez de Maria. Esteve em Narsareth e em 9 de maio fez sua entrada solemne em Jerusalem. «Todos em Jerusalem, escrevia um dos peregrinos, declaram que desde ha oito annos se não vê em Jerusalem um espectáculo similhante á nossa entrada na cidade sancta.»

A peregrinação, em 10 de maio, visitou a igreja de S. Salvador, no Cenaculo, os demais sanctuarios do monte Sião, e nos dias seguintes a casa de Caifaz e a d'Annaz, ouvindo missa na grutta da Agonia; no dia 14 pernouteou, em tendas, no monte das Oliveiras, para no dia seguinte, de manhã cedo, assistir ás missas celebradas no local em que se realison a Ascensão do Salvador. N'este mesmo dia visitou o tumulo de Lasaro e Bethania, e no dia 16 executou a Via Sacra, principiada no Pretorio, seguindo ao santuario da *Flagellação*, ao do *Ecce Homo*, subindo emfim ao Calvario e concluindo no Sepulchro.

Percorrendo ainda a cidade de Bethlehem, onde ha a grutta do Presepio. Hebron, o tumulo de Abrahão, o Deserto do Baptista, a casa de Sant'Anna, devem regressar os piedosos peregrinos, embarcando para França, em 26 de maio.

Obtenha, pois, de Deus a França que se penitencia misericordia abundante para a França que ainda prevarica.

*Albergue de Santa Martha.*—Do nosso presado collega *Leituras Populares Illustradas* transcrevemos, com a devida venia, o seguinte artigo muito sensato e justo, nas apreciações que faz.

«*Irmandade dos clerigos pobres*

«Como instituição de soccorros mu-

tuos é ainda pouco conhecida. A sua instalação é muito recente, e, infelizmente, entre nós o bem leva tempo primeiro que se torne do dominio publico.

«Já que ninguem faz caso do clero é justo que elle faça caso de si.

«Deram-lhe agora uma igreja e um convento velho. Até aqui as suas irmandades estavam de favor em egrejas estranhas. Deviam ser as ultimas a que isto acontecesse. Deviam, se as cousas não andassem tanto ao reverso.

«Em fim, tem hoje edificio proprio e ahí delineados já um hospicio e um hospital. Bem carecia d'estas instituições. O padre vive de esmolas e os que vivem de esmolas vão acabar aos hospitaes. Ao menos a este pode chamar seu. E' mais consolador.

«Se todos os ecclesiasticos quizessem comprehender o alcance d'esta fundação, e portanto contribuissem para ella com o pouco que podessem, fariam uma boa obra, e das boas obras ainda ninguem teve de arrepende-se.

«Parece, com effeito, que a idéa tem tido o merecido acolhimento. Assim seja.

«Os recentes estatutos d'esta associação estão muito bem elaborados, como convem ás leis organicas de todas as associações, e a esta principalmente. Precede os uma memoria interessante. E' tudo digno de lêr-se.

«N'esta nossa breve noticia, que mais tarde será accrescentada, como merece, attenta a importancia do assumpto, falta, porem, uma indicação, que não se pode adiar. E' preciso que se diga já que a instituição a que nos referimos foi levantada a preço de grandes esforços, de insistentes diligencias, de muito trabalho, muitas fadigas e muitos sacrificios d'um benemerito principalmente — o dr. Alfredo Elviro dos Santos. Um sacerdote ainda novo nos annos, mas na experiencia, no tino e na illustração um propecto, um venerando.

«Respeita o o clero, o que já não é pouco, mas o que mais admira ainda, respeita o a opinião publica, tão pouco inclinada a descobrir-se e inclinar-se reverente deante dos Ministros do Altar. Pois deante d'este curva-se. E' a sua maior apologia n'uma epoca desdenhosa e altiva como a nossa.

«E bem faz! O dr. Elviro seria um vulto em qualquer classe; na classe ecclesiastica custa mais a sel-o, por isso a sua gloria é maior ainda.

«Gloria! Não a quer, porque é modestissimo. Sabe ser padre no seu tempo, o que equivale a uma sciencia. E' trabalhador como poucos, investidor como raros.

«Pode dizer-se incansavel. A sua serenidade habitual dissimula esta te-

nacidade do seu espirito. E' indispensavel conhecê-lo muito de perto para avaliar bem a energia com que vence todas as difficuldades que se oppoñham á realisação das intenções, sempre rectas e bemfazejas.»

A *Irmandade dos Clerigos Pobres* está por certo reservado um futuro redemptor, para as tristes circumstancias, em que se encontra o clero da nossa terra.

Menos conhecida por emquanto, do que merece, ha de vir a ser, a curto trecho, objecto das benções de todos, ecclesiasticos e não ecclesiasticos.

Na capital goza ella de uma grande popularidade, em que commungam todas as classes.

O albergue está já habilitado para receber por hospedes, todos os snrs. ecclesiasticos, que o desejem procurar.

A hospedagem n'elle é economica e muito decente.

S. ex.<sup>a</sup> o senhor Arcebispo Bispo do Algarve, n'elle se hospedou ha pouco, e pensa em installar-se n'elle, sempre que a Lisboa o levem os seus affazeres.

Ao nosso respeitavel amigo, Monsenhor dr. Elviro dos Santos, deve a classe sacerdotal, justos preitos de gratidão.

*General Ambert.*—Em abril passado, falleceu em Pariz uma das glorias do exercito francez, soldado da patria e filho dilecto da Igreja, o general Joaquim Jacques Alexandre, barão d'Ambert. Nascido em Cahors em 1804, distinguuiu-se na guerra de Hespanha em 1823, na campanha da Belgica e na Algeria. Deputado na constituição de 48, e mais tarde na legislativa, uniu-se a Napoleão, que em 1857 o elevou a general de brigada e em 1865 a conselheiro de Estado. Tomou parte na guerra de 70, e durante a Communa foi-lhe dado o commando do 5.º sector das fortificações de Paris. Esteve em risco de morrer ás mãos dos communistas, que lhe arrancaram todas as condecorações, mas pouco tempo conservou o posto, de que foi demittido por suas idéas manifestamente catholicas.

Deixou varias obras sobre assumptos militares e religiosos, algumas de muito merecimento, entre as quaes especialisamos o *Chemin de Damas* e o *Heroismo en Soutane*. D'esta ultima, muito merecedora de ser lida, pelo testemunho consciencioso sobre o que vale o clero e quanto é de temer o communismo, temos em portuguez duas versões, uma sob o titulo de *Heroismo do Clero*, e outra, *Heroismo da Sotaina*.

O general Ambert, accommettido aos 87 annos d'um incommodo fatal, cujos symptomas se aggravaram de hora para

hora, exigiu sollicitamente a assistencia do confessor. recebeu com fervor a miravel os ultimos sacramentos, e pediu ao sacerdote continuasse orando ao lado d'elle e o não abandonasse antes de seu fallecimento, que sobreveiu tres quartos d'hora depois.

Descance em paz a alma cheia de fé do valente militar e correctissimo escriptor.

*Estado financeiro de Portugal.* — A constituição feriu gravemente o paiz, e malal-o á, se não tocar á republica dar-lhe o golpe de misericórdia. O systema de governação devia ha muito ter sido posto de lado. Com elle, as pessoas sensatas desviam se dos negocios publicos, deixando assim o accesso livre á puelles que só aspiram a arranjar-se.

Estamos perdidos.

Um dos motivos que sublevou os povos em 46 foi a grandeza da divida, que:

Em 1834 era de	50 mil contos;
Em 1854 » »	90 mil contos;
Em 1867 » »	211 mil contos;
Em 1890 » »	268 mil contos;

Em todas as inaugurações de legislaturas, promette-se no discurso da corôa a reforma das finanças. Se a reforma, n'esta materia, tambem significar augmento, a palavra d'el-rei tem conservado a energica significação dos bons tempos d'outr'ora. Nenhum orçamento se faz que não appareça, inevitavelmente, como appendice forçado um *deficit* pasmoso, constante de alguns milhares de contos. *Après moi le déluge.* dirão por certo os financeiros modernos. Esta deploravel situação é fatalissima á nossa autonomia, que nação nenhuma ha a lembrar-se de nos respeitar quando nos vê miseravelmente fallidos. Os seis por cento adiccionados este anno a todas as contribuições, directas e indirectas, é um gravame terrivel para o pobre povo, sem que todavia surja a esperanza de vermos recuar uma pollegada o voraz minotauro da divida nacional.

Viva pois o feliz systema que nos rege!...

*Escravidura e anthropophagia na Africa.* — Concluamos pelo extracto de uma carta, enviada da Missão franceza de Oubanghi dirigida pelo R. Padre Olivier Allaire, que tão gratas recordações deixou aos alumnos do Collegio do Espirito-Sancto, em Braga:

«A situação de S. Luiz de Oubanghi, diz a carta, a 200 leguas da costa, está admiravelmente situada para combater a escravatura e a anthropophagia, que n'estas paragens toma um caracter hor- rível.

«A carne humana vende se nos mer-

cados na mesma escala que na Europa a vacca ou o carneiro, e estes canibaes acham isto tão natural, que não podem entender como se lhes possa censurar similhante cousa.

«Um dos principaes da terra, depois de ter um dia immolado um escravo e tel-o comido n'um festim, respondeu a um branco que lhe exprobrava o crime: «Quando matas um cabrito ou uma gallinha, quem te reprehende da acção que praticas? Para que vens, pois, con- tender comigo por causa d'um escravo que ajustei e pagurei honradamente? Porventura não era elle meu? Que teus- pois que dizer-me?

«Abicando uma embarcação a uma aldeia, chega-se um indigena comendo n'um prato redondo uma iguaria ainda fumegante. Era, simplesmente, metade d'uma cabeça contendo os miolos de uma desgraçada victima, ha pouco sacrificada. O craneo servira de panella e agora funcionava de prato.

«Ah! factos d'esta natureza não são infelizmente isolados: pudemos citar centenaes d'elles, pois em cada aldeia são a historia de todos os dias. Os mesmos europeus precisam de precau- ções para não ser anthropophagos sem o saberem; os indigenas teem o costume de misturar gordura humana com azeite de palmeira, de que muitas vezes nos servimos em nossos usos culinarios.

«O marfim abunda no rio Oubanghi; mas até hoje ainda não conseguiram os europeus compral-o, porque os indigenas o vendem apenas a troco de escravos, de seis a doze annos, idade em que são mais delicados para seus manjares. Não só preferem a carne tenra e delicada, mas para a prepararem usam d'uma crueldade de que mal se pôde fazer ideia: quebram os braços e as pernas á victima, deixam-na toda a noite exposta nas aguas do rio e só no dia seguinte lhe cortam a cabeça, por cujo processo se torna a carne mais tenra e a pelle se extrahem mais facilmente. Só a lembrança de taes atrocidades faz horrorisar.

«Varias vezes tivemos occasião de salvar a vida a infelizes destinados a estes banquetes. Ainda a semana ultima, um escravo, joven e vigoroso, d'uns dezoito annos, manobrando habilmente uma piroga, se nos veiu apresentar, declarando ter fugido da casa de seu amo, que o tratava com grande brutalidade. Não tardando este a descobrir o asylo do fugitivo, em breve se apressou a reclamar o. Todavia, aconselhados pelo commandante, declaramos que se o fugitivo não quizesse voltar, jámais o constrangeriamos, visto que era livre desde o dia em que se collocára sob a protecção do pavilhão francez. O amo insiste e ameaça,

dirigindo as mais virulentas apostrophes ao escravo; este, porém, declarou energicamente que preferia ficar na companhia dos Padres. Por nossa parte apoiámos a sua resolução, conscios de que se o entregassemos, immediatamente seria morto. Não desanimado o amo, ainda voltou alguns dias depois, fazendo novas instancias; mas persistindo o servo na recusa, declaramos-lhe que ficaria connosco. Entretanto, para nos conformarmos com os usos do paiz, e não sermos tidos por ladrões de escravos, demos por elle 125000 reis em panno e latão, o que constitue aqui um resgate sufficiente, perdendo o amo algum tanto, em virtude da fuga do escravo. Bouloumbe— tal é o seu nome—cheio de alegria, pediu que o deixassemos embarcar no nosso Leão XIII (vapor da missão), e alli exerce admiravelmente o officio de fogueiro.

«N'algunas aldeas encontram-se escravos d'uma magreza espantosa. Privam-se de alimento e preferem morrer de fome a serem vendidos e comidos nos festins.

«Um dia, um negociante, movido de compaixão por um d'esses desgraçados, resgatou-o para cuidar d'elle e restituir-lhe depois a liberdade. Logo lhe apresentam á venda uma grande multidão; mas o negociante, por intermedio de seu interprete, fez conhecer aos indigenas que não era mercador de escravos, e apenas consentira em comprar aquelle, por o ver doente; e desejar restabelecer lhe a saude para em seguida o pôr em liberdade.

A estas palavras, correm os indigenas a buscar numerosos escravos, esquelotos vivos, cobertos de ulceras, e chegando-se ao branco, dizem-lhe: *Pois se a estes é que preferes, podemos servir-te segundo os teus desejos.*

«E' inutil dizer, que a moeda não corre no interior da Africa. E' preciso pois prover-se de panno, latão, perolas e toda a sorte de bugiarias, o que é bastante incommodo.

«Um utensilio que aqui está mais em voga é o garfo, sim o garfo, no qual os indigenas acham grande utilidade... para pentear-se.liga-se porem, que depois d'isto se vão servir d'elle, regaladamente, sem o lavarem, nos seus afamados banquetes.»

Oxalá se multipliquem os missionarios, valentes campeões da civilização, para regenerarem tantos povos desgraçados para os quaes não soou ainda a bôa nova da Redempção christã!

## DEVOÇÃO AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

PEQUENO MEZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS  
PIEDOSO PENSAMENTO PARA O  
MEZ DE JUNHO

Extrahido do livro devoto da donzella  
pelo auctor das «Palhetas d'Ouro»  
*Obra approvada por muitos Cardeaes.  
Arcebispos e bispos*

Traduzida da 102.ª edição,

por um Filho de Maria

Contém este pequeno livrinho:

*Mez do Sagrado Coração de Jesus, La-  
duinhas do Sagrado Coração de Je-  
sus, Consagração ao Coração de Je-  
sus, Novena ao Coração de Jesus, In-  
vocação ao Sagrado Coração de Jesus.*

1 vol. de 64 pag. em bom papel, 100 rs.

Quem comprar 3 ex. pagará só 200 reis

## BONS LIVROS

A ESTRELLA DE NAZARETH, lendas e  
narrativas da Terra Santa, sobre a  
Santissima Virgem; 5 volumes com ma-  
gnificas gravuras de pagina. . . . 2\$500

CANCIONEIRO DE LEÃO XIII ou os  
versos latinos e Italianos de Sua Santi-  
dade, postos em rima portugueza e  
precedidos da sua biographia e retrato;  
1 grande vol. de luxo. . . . . 2\$000

A MULHER CRISTÃ desde o nasci-  
mento até á morte. Estudos e conse-  
lhos por madame M. de Marcey, 1  
grosso vol. . . . . 500

O ANJO DA TORRE. Narrativa do  
tempo de Isabel, rainha de Inglaterra.  
1 vol. . . . . 500

### João de Lemos

A IGREJA CATHOLICA e o seu clero  
regular e secular nas sciencias, nas  
letras e nas artes; um grosso vol. de  
trezentas e tantas paginas. . . . 500

ENTRETENIMENTOS DO CORAÇÃO DE  
VOTO COM O SANTISSIMO CORAÇÃO

DE JESUS, pelo padre Theodoro de  
Almeida, 1 vol. encadernado. . . 400  
A' venda na LIVRARIA CATHOLICA  
PORTUENSE, editora, rua da Picaria  
n.º 85 e em Guimarães na de Teixeira  
de Freitas, e nas principaes livrarias  
do reino.

## A ROMA!

(NARRATIVAS DE VIAGEM)  
PELO

PADRE MARTINS CAPELLA

1 volume—500 réls

## CONSTITUIÇÃO

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII

Á CERCA DA REGRA

DA

Ordem Terceira secular  
de S. Francisco

3.ª Edição

Preço 40 reis—10 exemplares 200 reis

## HISTORIA

DE

# SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.ª edição portugueza

Em meio do grande cataclismo que  
ameaça de perto a sociedade, não co-  
nhecemos nada que melhor possa deter  
a onda destruidora, levantada pela des-  
crença, do que a educação, ministrada  
aos filhos pelas mães christãs. Dae ás  
creancinhas uma mãe, e dae a essa mãe  
o temor de Deus, e a sociedade futura  
será outra que não a actual.

Mas para que as mães tenham o ver-  
dadeiro temor de Deus, para que ellas  
saibam ser mães e as educadoras de  
seus filhos, forçoso se torna que ellas  
aprendam com as grandes mães, que  
conheçam os magnificos modellos que  
tem de imitar. Essa grande mãe, esse  
perfeito modelo das mães offertamol-a  
aos nossos leitores e ás leitoras prin-  
cipalmente na mãe de Santo Agostinho.  
em Santa Monica, cuja historia está  
publicada em 2.ª edição, tentando com  
isso prestar um grande serviço á socie-  
dade, e ás patrias letras.

Se nós conseguissemos que este li-  
vro entrasse em todas as casas, fosse  
lido por todas as mães, por todas as

filhas; que se dêsse ás creancinhas,  
que o lessem as meninas nos collegios,  
oh! que grande serviço prestado, que  
fonte de bens para a humanidade! Mas  
será o que Deus quizer, o livro já está  
á venda e temos esperanças de que se  
espalhe bem, como merece.

Forma um volume de 400 paginas  
aproximadamente, e é impresso em  
bom papel, bom typo e em elegante  
formato em 8.º

A 1.ª edição custou 1\$000 reis, mas  
nós, querendo fazer larga propaganda,  
e facilitar a sua posse a todos os nos-  
sos leitores, estabelecemos o seguinte:

Quem subscrever para esta obra mo-  
numental, custará apenas

**500 rs., franco pelo correlo**

Depois de concluida a publicação,  
os poucos exemplares que restarem,  
custarão **600 reis**. Escusado será  
dizer que fazemos esta edição em har-  
monia com muitos pedidos que já te-  
mos e contando com a cooperação de  
todos os nossos bondosos assignantes.

## HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO

POR D. FRANCISCO XAVIER GARCIA RODRIGO

Augmentada pelo auctor com um novo capitulo ácerca de um dos mais notaveis processos, e enriquecida com varios  
artigos do valente escriptor catholico José Maria de Sousa Monteiro, ácerca da H. da Inquisição de A. Herculano

TRADUZIDA DO ORIGINAL COM LICENÇA DO AUCTOR

Pelo Padre Manoel José Gonçalves. Preza

Se a *Historia Verdadeira da Inquisição* necessitasse de uma recommendação, era bastante o saber-se que a primeira edição se  
acha esgotada; mas fortemente está ella recommendada, porque tem a approvação da auctoridade ecclesiastica de Madrid, tem a appro-  
vação do Vigario de Jesus Christo, e tem a opinião da imprensa de Hespanha, Portugal e Brazil, como poderíamos mostrar se podesse-  
mos dispor de muitas paginas. Obra approvada pelo Ex.º Sr. Cardeal Patriarcha de Lisbon, pelos Ex.ºs e Rev.ºs Srs. Arcebispos  
de Braga, Goa e Mytilene e Bispos de Vizeu, Angra, Funchal e Lamego.

2 grossos vol. a 2 columnas—2\$400 réls